

Carlyle e Cromwell

Luísa Leal de Faria

O texto que se segue foi concebido e construído no formato de uma palestra¹, que teve como objectivo principal dar a conhecer aos estudantes a apreciação de Thomas Carlyle sobre Oliver Cromwell, produzida em meados do século XIX. Ao inscrever-se num colóquio sobre Cromwell, esta palestra não teve a pretensão de apresentar investigação original. Apenas procurou recordar o modo como Carlyle recuperou a figura de Cromwell para o panteão das grandes figuras históricas, ou dos "Grandes Homens", dando-lhe lugar na sua galeria de "heróis" e dedicando-lhe uma volumosa obra onde coligiu as cartas e os discursos do *Lord Protector*. Ao fazê-lo, Carlyle recuperou do esquecimento a que a selectividade dos historiadores o tinha votado, não só um período extremamente turbulento e significativo da história do Reino Unido, mas também o interesse por uma figura altamente controversa, abrindo caminho a posteriores investigações norteadas já por tentativas de objectividade e imparcialidade na sua apreciação. Como afirmou A. J. P. Taylor:

For almost two centuries the verdict of historians went unanimously against [Cromwell]: knave, hypocrite, fanatic; at best, in Clarendon's phrase, "*a brave, bad man*". Then Carlyle came to his rescue: "not a man of falsehoods, but a man of truths". Cromwell's speeches, with their turgid, groping sincerity, spoke to the Victorian spirit. (TAYLOR 1950, 1978: 23, itálicos meus)

A apreciação de Carlyle sobre Cromwell deve, no entanto, ser vista à luz da sua ideia de história, da relação da história com a biografia, e da biografia com uma concepção de protagonismo na história que o levou a desenvolver a teoria do "herói" e do "culto do herói". Acresce, ainda, que o interesse de Carlyle pela história o levou a ensaiar diversos métodos de exposição, já que, desde cedo, se deparara com a dificuldade de traduzir, em escrita necessariamente linear e sequencial, acontecimentos simultâneos imbricados uns nos outros, tornando artificial e selectivo qualquer relato que sobre eles fosse produzido. Assim, começou por ensaiar, na sua História da Revolução Francesa, um estilo de escrita que recorresse não apenas aos relatos sustentados por fontes "objectivas", mas que os articulasse através de uma escrita

¹ O texto, como se verá, foi construído em torno de um conjunto de citações extraídas de várias obras de Carlyle. Este método de exposição foi deliberadamente adoptado, com o intuito de facultar aos estudantes, a quem foi distribuída cópia de todas as citações, um primeiro contacto com os originais carlyleanos. Mas este processo de apresentação teve ainda o propósito de replicar o próprio método usado por Carlyle ao escrever sobre Cromwell: deixar falar o autor, com um mínimo de interrupções, e estas apenas elucidativas.

metafórica e alusiva, que deveria despertar a imaginação do leitor e facilitar processos de empatia e de relacionamento subjectivo com os acontecimentos narrados. Deste modo, influenciado pela História dos Países Baixos de Schiller, Carlyle pensava poder superar as limitações apresentadas pela linearidade da escrita diante da tridimensionalidade da história.

Se, por um lado, escrever história se revelava extremamente difícil, o próprio conceito de história aparecia-lhe também com alguma opacidade. É óbvio que a historiografia oitocentista não tinha ainda, sobretudo nas primeiras décadas do século, desenvolvido os métodos de pesquisa e os rigores de erudição que viriam permitir-lhe aspirar ao estatuto de ciência, na segunda metade do século. Mas Carlyle possuía em altíssimo grau um sentido de integridade que o obrigava a examinar cuidadosamente as fontes, fossem elas escritas ou outras. Por exemplo, a sua preocupação de rigor levou-o a visitar os campos de batalha e os lugares por onde se tinham desenrolado os episódios que tratou em termos históricos. Assim, desconfiava de relatos de proveniência incerta, e, sobretudo, desconfiava de tratamentos romanceados ou fantasiados, que frequentemente surgiam em publicações de setecentos ou princípios de oitocentos. Por outro lado, a materialidade da história tinha que ter um significado transcendente. Carlyle combinava, assim, o facto e a ideia, ou seja, a história e a filosofia. Em seu entender, a história tinha que ter um significado transcendente, e a missão do historiador seria, como a do poeta romântico, desvendar o mistério escondido por detrás das aparências, ou o sentido transcendente oculto no aparente caos da experiência quotidiana, na imprevisibilidade dos acontecimentos, nos acasos da fortuna. Por isso, também, o historiador não poderia ser um especialista num qualquer ramo da história – tinha que saber apreender o todo, para poder depois seleccionar mas sem jamais, na parte, perder de vista o todo. Uma das fórmulas que mais frequentemente repetia para sintetizar o que era a história era: "History is Philosophy teaching by experience".

As citações que se seguem, extraídas de "On History" (1830), elucidam o que atrás se disse sobre a ideia de história de Carlyle:

Well may we say that of our History the more important part is lost without recovery; and ... look with reverence into the dark untenanted places of the Past, where, in formless oblivion, our chief benefactors, with their sedulous endeavours, but not with the fruit of these lie entombed. (CARLYLE 1830, 1974: 87)

Let us search more and more into the Past; let all men explore it, as the true fountain of knowledge; by whose light alone, consciously or unconsciously employed, can the Present and the Future be interpreted or guessed at. ... History is a real Prophetic Manuscript, and can fully be interpreted by no man. (*idem*: 89-90)

But the Artist in History may be distinguished from the Artisan in History; for here, as in all other provinces, there are Artists and Artisans; men who labour mechanically in a department, without eye for the Whole, not feeling that there is a Whole; and men who inform and ennoble the humblest department with an Idea of the Whole, and habitually know that only in the Whole is the Partial to be truly discerned. (*idem*: 90)

Pouco a pouco a ideia de história de Carlyle foi adquirindo contornos mais precisos. Dos grandes quadros de acontecimentos quase apocalípticos, como a Revolução Francesa, começavam a emergir as personalidades individuais, com as suas histórias pessoais, com processos de decisão próprios, com circunstâncias fortuitas, que participavam no imenso processo simultâneo de mudança que é a história. Umas, de maneira obscura, como acima se viu, vivendo e morrendo esquecidas pelos historiadores, mas não menos importantes para o processo histórico, outras com inequívoca visibilidade e protagonismo. O papel do indivíduo na história começava a fasciná-lo, a história começava a confundir-se com a biografia, como se pode perceber pela seguinte citação, extraída do ensaio "Biography":

Of History, for example, the most honoured, if not honourable species of composition, is not the whole purport Biographic? 'History', it has been said, 'is the essence of innumerable biographies'. (CARLYLE 1832, 1974: 46)

Ao longo dos anos trinta do século XIX, após a publicação de *History of the Revolution in France*, Carlyle redigiu e publicou vários estudos, mais curtos, onde ensaiou a articulação entre a história e a biografia. As figuras da Rainha Maria Antonieta e do Conde Cagliostro, no célebre episódio do colar da Rainha, mereceram a sua atenção, servindo para um estudo sobre a inocência (Maria Antonieta) e a impostura (Cagliostro), vindo este a representar muitos outros vilões na história. Noutras obras, por vezes de grande envergadura, como *Past and Present*, publicada em princípios da década de quarenta, procurava usar a dimensão do passado para iluminar o presente e encontrar orientações para o futuro, descobrindo personalidades esquecidas, como o Abade Sampson, que lutavam contra a adversidade

com as armas da integridade e que procuravam dar o seu melhor em circunstâncias imprevisíveis.

Mas será sobretudo num conjunto de conferências pronunciadas em Londres em 1840 que Carlyle define com maior precisão a sua concepção do modo como as figuras individuais protagonizam a história. Em *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*, de 1840, desenvolveu a ideia de que a história é feita por grandes homens, em torno dos quais se estruturam as diversas épocas, orientadas por valores em mudança, como pode ver-se no excerto seguinte, extraído da primeira conferência, "The Hero as God":

For, as I take it, Universal History, the History of what man has accomplished in this World, is at bottom the History of the Great Men who have worked here. They were the leaders of men, these great ones; the modellers, patterns, and in a wide sense creators, of whatsoever the general mass of men contrived to do or to attain; all things that we see standing accomplished in the world are properly the outer material result, the practical realisation and embodiment, of Thoughts that dwelt in the Great Men sent into the world: the soul of the whole world's history, it may justly be considered, were the history of these. (CARLYLE 1840, 1974: 1)

Seguindo esta metodologia, Carlyle identificou várias épocas na história, que tratou como emanações dos grandes homens que nelas viveram, moldando-as, mas, ao mesmo tempo, sendo esses heróis fruto também do espírito do seu tempo. A época do nascimento dos mitos é tratada através do estudo de Odin e da mitologia escandinava, seguindo um pouco o percurso que os recentes estudos de filologia, combinados com um novo interesse por épocas remotas e pelos aspectos mais obscuros do princípio da Idade Média, tinham trazido a lume. Do "Herói como Divindade" passa ao tratamento do "Herói como Profeta" e elege Maomé e o Islão como tema central. A terceira conferência é dedicada ao "Herói como Poeta", e trata Dante e Shakespeare. Nos alvares da modernidade surgirá o "Herói como Sacerdote", no período das Reformas, escolhendo aí, como homens exemplares, Lutero e John Knox, estando este na origem do Puritanismo. No curso dos tempos, a figura do herói ir-se-á embaciando um pouco, e a quinta conferência deixa claro que, ao aproximarmos do presente, o heroísmo na história já não apresenta os contornos claros que antes era possível surpreender. Johnson, Rousseau e Burns serão um novo tipo de herói, o "Homem de Letras", marcados já pelo decréscimo das crenças e pela influência das Luzes,

mas ainda partilhando as características de sinceridade de todos os outros heróis. Depois de percorrer as várias formas de heroísmo que marcaram, em seu entender, a história ao longo dos séculos, Carlyle reserva para o fim a última forma, tratada na sexta conferência "The Hero as King. Cromwell, Napoleon: Modern Revolutionism", que define nos seguintes termos:

We come now to the last form of Heroism; that which we call Kingship. The Commander over Men; he to whose will our wills are to be subordinated, and loyally surrender themselves, and find their welfare in doing so, may be reckoned the most important of Great Men. He is practically the summary for us of *all* the various figures of Heroism; Priest, Teacher, whatsoever of earthly or of spiritual dignity we can fancy to reside in a man, embodies itself here, to command over us, to furnish us with constant practical teaching, to tell us for the day and hour what we are to do. He is called *Rex*, Regulator, *Roi*: our own man is still better; King, *Könning*, which means *Can-ning*, Able-man. (*idem*: 196)

Para representar o heroísmo na chefia dos estados Carlyle não escolheu monarcas dentro da sucessão dinástica, mas sim dois usurpadores, vindos de fora das famílias reais europeias e de meios sociais relativamente modestos. Cromwell e Napoleão ilustram o espírito revolucionário moderno porque lutam por ideais contra os poderes estabelecidos, e adquirem o poder por mérito próprio, ao arrepio da tradição. A conferência sobre Cromwell e Napoleão deixa também claro que esta forma de heroísmo não resulta da ambição individual, mas de todo um conjunto de circunstâncias que catapultam o indivíduo para a chefia, através do reconhecimento que os outros concedem às suas capacidades. O herói não tem outra escolha senão assumir as responsabilidades de comando, em ambos os casos começando com comandos militares, com o objectivo de repor a ordem em sociedades que resvalaram para o caos:

... every Great Man, every genuine man, is by the nature of him a son of Order, not of Disorder [...] It is a tragical position for a true man to work in revolutions. He seems an anarchist ... His mission is Order; every man's is. He is here to make what was disorderly, chaotic, into a thing ruled, regular. He is the missionary of Order.

In rebellious ages, when Kingship itself seems dead and abolished, Cromwell, Napoleon step-forth again as Kings". (*idem*: 203)

No caso de Cromwell, Carlyle parece ter encontrado um herói à sua medida. Vê-o como um homem profundamente honesto, um puritano que vive a sua religião no dia a dia, sem ambição pessoal, mas movido por um sentido de missão que o obriga a aceitar, a contra-gosto, as funções que, pouco a pouco, lhe vão sendo cometidas. Esta interpretação das motivações de Cromwell ia, na época, contra o sentimento tradicional que via nele não apenas um regicida e um usurpador, mas uma figura movida por motivos torpes de interesse pelo poder pessoal, não hesitando em aniquilar violentamente tudo e todos aqueles que interpusessem obstáculos à sua desmedida ambição:

Him neither saint nor sinner will acquit of great wickdness. A man of ability, infinite talent, courage, and so forth: but he betrayed the Cause. Selfish ambition, dishonesty, duplicity; a fierce, coarse, hypocritical Tartufe; turning all that noble Struggle for constitutional Liberty into a sorry farce played for his own benefit: this and worse is the character they give to Cromwell. (*idem*: 208)

Ao reabilitar a figura de Cromwell, Carlyle irá utilizar um argumento constantemente invocado como a marca dos grandes homens: a capacidade para o silêncio. Em épocas marcadas por um cada vez maior ruído feito a propósito de trivialidades, aquele que sabe calar-se, e apenas dizer o que é essencial tem, para Carlyle, inestimável valor. Cromwell não era eloquente e, em grande parte por essa razão, a história tratara-o sem a complacência muitas vezes concedida aos charlatães bem falantes. A economia de palavras, a ausência de floreios retóricos, a rudeza, afinal, dos discursos de Cromwell são, para Carlyle, marca inequívoca de honestidade e sinceridade, dois atributos fundamentais dos grandes homens. As citações que se seguem, extraídas de *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*, ilustram, na voz de Carlyle, o que se acabou de dizer:

One leaves all these Nobilities standing in their niches of honour: the rugged outcast Cromwell, he is the man of them all in whom one still finds human stuff. The great savage *Baresark*: he could write no euphemistic Monarchy of Man; did not speak, did not work with glib regularity; had no straight story to tell for himself anywhere. But he stood bare, not cased in euphemistic coat-of-mail; he grappled like a giant, face to face, heart to heart, with the naked truth of things! ... I plead guilty to valuing such a man beyond all other sorts of men. (*idem*: 209)

That such a man, with eye to see, with heart to dare, should advance, from post to post, from victory to victory, till the Huntingdon Farmer became, by whatever name you might call him, the acknowledged Strongest Man in England, virtually the King of England, requires no magic to explain it. (*idem*: 215)

To himself the internal meaning was sun-clear; but the material with which he was to clothe it in utterance was not there. He had *lived* silent; a great unnamed sea of Thought round him all his days; and in his way of life little call to attempt *naming* or uttering that". "One understands moreover how, though he could not speak in Parliament, he might *preach*, rhapsodic preaching; above all, how he might be great in extempore prayer. These are the free outpouring utterances of what is in the heart: method is not required in them; warmth, depth, sincerity are all that is required.

To see and dare, and decide; to be a fixed pillar in the welter of uncertainty; – a King among them, whether they called him so or not. (*idem*: 229)

Na conferência que temos vindo a tratar, Carlyle apresenta uma resenha dos episódios mais marcantes da vida política de Cromwell, comentando sempre as decisões tomadas à luz do contraste entre o genuíno e o falso, o profundo e o superficial, a verdade e a mentira. Cromwell aparece assim como obrigado pelas circunstâncias, para se manter fiel aos seus princípios a tomar o poder absoluto e o título de *Lord Protector*:

The strong daring man, therefore, has set all manner of Forms and logical superficialities against him; has dared appeal to the genuine Fact of this England, Whether it will support him or not? It is curious to see how he struggles to govern in some constitutional way; find some Parliament to support him; bur cannot. (*idem*: 232)

Yes, the Fact is so, and I will do the best I can with it! Protectorship, Instrument of Government, – these are the external forms of the thing; worked out and sanctioned as they could in the circumstances be, by the Judges, by the leading Official people, 'Council of Officers and Persons of Interest in the Nation': and as for the thing itself, undeniably enough, at the pass matters had now come to, there *was* no alternative but Anarchy or that. (*idem*: 233)

Parliaments having failed, there remained nothing but the way of Despotism. Military Dictators, each with his district, to *coerce* the Royalist and other gainsayers, to govern them, if not by act of Parliament, then by sword. Formula shall *not* carry it, while Reality is here! (*idem*: 235)

Ao concluir a conferência, Carlyle resume o destino de Cromwell e a sua fortuna posterior, com a convicção de quem ousou desalojar ideias feitas e ir contra a opinião geral:

What had this man gained; what had he gained? He had a life of sore strife and toil, to his last day. Fame, ambition, place in History? His dead body was hung in chains; his 'place in History,' — place in History forsooth! — has been a place of ignominy, accusation, blackness, and disgrace; and here, this day, who knows if it is not rash in me to be among the first that ever ventured to pronounce him not a knave and liar, but a genuine honest man! Peace to him. Does he not, in spite of all, accomplish much for us? We walk smoothly over his rough heroic life; step-over his body sunk in the ditch there. We need not *spurn* it, as we step on it! — Let the Hero rest. It was not to *men's* judgement that he appealed; nor have men judged him very well. (*idem*: 237)

O fascínio pela figura de Cromwell, e o sentimento de que ainda não lhe fora concedida a reabilitação que merecia, levaram Carlyle a empreender, ao longo dos anos seguintes, o projecto de uma biografia. Para tanto, começou a coligir todos os materiais disponíveis e a dedicar o melhor da sua actividade à composição de uma obra que deveria, de uma vez por todas, mostrar o carácter de Cromwell e rever o seu papel na história de Inglaterra e da Europa no século XVII. A monumentalidade da tarefa acabou por definir o formato final da obra. Carlyle acabou por decidir editar, com elucidações, as cartas e os discursos de Cromwell, em vez de tentar, como desejara, a construção de uma biografia. A decisão não foi fácil, e talvez explique a determinação com que, anos mais tarde, Carlyle empreendeu a última das suas extensas obras, uma biografia de Frederico o Grande, da Prússia, que se revelou uma tarefa demolidora, prosseguida ao longo de mais de uma década. Com Cromwell como objecto de análise, Carlyle confrontou-se mais uma vez com a articulação entre história e biografia. Para ele seria indispensável conseguir fazer reviver Cromwell, insuflar de vida os documentos inertes que laboriosamente foi compilando, num processo aparentemente interminável. Ao tornar-se conhecido o projecto da biografia começaram a chover, de todos os cantos de Inglaterra, informações e documentos inéditos, de interesse muito variado, que Carlyle se obrigava a estudar. Por vezes chegou a deparar-se com falsificações extremamente bem montadas e quase impossíveis de detectar.

Na Introdução aos quatro volumes que integram a compilação das cartas e dos discursos, intercalados pelas "elucidações" que consistem em breves textos contextualizantes, mas não isentos de comentário, Carlyle referiu-se à diferença entre o historiador/compilador e o verdadeiro historiador. O primeiro, a que chama *Dryasdust*, um nome que passou a designar um tipo de historiador medíocre, repetitivo e sem alma, é aquele que se limita a compilar factos, e que depois os reproduz em sequência, sem a preocupação de os interpretar e de descobrir sentidos ocultos e relações entre eles. O outro tipo de historiador será aquele que procura captar a "verdade" oculta pela superfície do acontecimento, compreender o sentido transcendente do tempo, o modo como a vida individual se inscreve nesse sentido. A tarefa do segundo seria infinitamente mais difícil e menos reconhecida do que a do primeiro:

To Dryasdust, who wishes merely to compile torpedo Histories of the philosophical and other sorts, and gain immortal laurels for himself by writing about it and about it, all this is sport; but to us who struggle piously, passionately, to behold, if but in glimpses, the faces of our vanished Fathers, it is death! (CARLYLE 1845, 1974: I, 5)

Ao longo dos quatro volumes que constituem a primeira colecção organizada de textos, Carlyle, como já se disse, deixa Cromwell falar. Em seu entender, será suficiente, para que o leitor se aperceba do carácter de Cromwell e formule sobre ele um juízo imparcial, que leia e entenda as palavras do próprio, sem necessidade de intervenções explicativas de terceiros. Expõe Cromwell ao escrutínio do século XIX, e implícita e explicitamente reclama comparação entre as duas épocas – o século XVII e o século XIX – e entre os falsos heróis seus contemporâneos, formatados por uma opinião pública informada por uma imprensa sensacionalista, e o homem rude, austero, sem o dom da palavra, mas, a seu ver, profundamente sincero, que comandou os destinos do Reino Unido por um breve período de tempo:

Oliver is gone; and with him England's Puritanism, laboriously built together by this man, and made a thing far-shining, miraculous to its own Century, and memorable to all the Centuries, soon goes. Puritanism without its King, is *kingless*, anarchic; falls into dislocation, self-collision, staggers, plunges into ever deeper anarchy ... The Genius of England no longer soars Sunward, world-defiant, like an Eagle through the storms, 'mewing her mighty youth', as John Milton saw her do ... Awake ... gods and men bid us awake! The voices of our Fathers, with thousandfold stern monition to one and all, bid us awake. (CARLYLE, 1845, 1974: IV, 208)

A concepção de história de Carlyle, retomando as considerações que tece contra Dryasdust no início da obra, evidencia a importância de relacionar o passado com o presente, de articular cada momento e cada figura da história com o presente, a fim de conferir significado à existência humana. O historiador "antiquário", ocupado em descrever momentos fechados do passado, contrapõe-se ao historiador "filósofo", preocupado em desvendar sentidos ocultos, em perceber os modos como a história é, afinal, "filosofia que ensina pela experiência":

And truly the Art of History, the grand difference between a Dryasdust and a sacred Poet, is very much this: To distinguish well what does still reach to the surface, and is alive and frodent for us; and what reaches no longer to the surface, but moulders safe underground, never to send forth leaves or fruit for mankind anymore: of the former we shall rejoice to hear; to hear of the latter will be an affliction to us; of the latter only Pedants and Dullards, and the latter will be an affliction to us; of the latter only Pedants and Dullards, and disastrous *malefactors* to the world, will find good to speak. (CARLYLE: 1845, 1974: 7-8)

No século XVII o veredicto do mais conhecido historiador ou cronista da época, *Lord Clarendon*, destinara a memória de Cromwell a um veredicto de maldade, tirania e opressão:

Without doubt, no man with more wickedness ever attempted any thing, or brought to pass what he desired more wickedly, more in the face and contempt of religion, and moral honesty; yet wickedness as great as his could never have accomplished those trophies, without the assistance of a great spirit, an admirable circumspection and sagacity, and a most magnificent resolution.

In a word, as he had all the wickedness against which damnation is denounced, and for which hell-fire is prepared, so he had some virtues which have caused the memory of some men in all ages to be celebrated; *and he will be looked upon by posterity as a brave bad man.* (HYDE, 1978: 356, 358; itálicos meus)

Foram precisos dois séculos para que Cromwell fosse resgatado desse veredicto. Thomas Carlyle recuperou, para a memória colectiva britânica, a figura de um homem, senão "grande" ou "heróico", decerto merecedor de respeito e atenção desapaixonada.

OBRAS CITADAS

- CARLYLE, Thomas (1830, 1974). "On History", in *Critical and Miscellaneous Essays in Five Volumes*. New York: AMS Press, Vol. II.
- (1832, 1974). "Biography", in *Critical and Miscellaneous Essays in Five Volumes*. New York: AMS Press, Vol. III.
- (1840, 1974). *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*. New York: AMS Press.
- (1845, 1974). *Oliver Cromwell's Letters and Speeches with Elucidations*. New York: AMS Press.
- HYDE, Edward, Lord Clarendon (1702, 1703, 1704, 1978). *The True Historical Narrative of the Rebellion and Civil Wars in England*, in *Selections from the History of the Rebellion and The Life By Himself*. Ed. G. Huehns with a new Introduction by Hugh Trevor Roper. Oxford, New York, Melbourne: Oxford University Press.
- TAYLOR, A. J. P. (1950, 1978). *Essays in English History*. Harmondsworth: Penguin Books.

